

A Cobra Grande da Cachoeira Nhápã - Poëa

Gabriel dos Santos Gentil



Os primitivos cultos indígenas Tucanos do Alto Rio Negro, ocorreram há milhões de anos atrás, de acordo com a narrativa dos pajés que tiveram disso visões e transportes durante os nossos festejos anuais.

Os Tucanos respeitam os animais considerando-os como os antigos habitantes de sua terra. Reconhecem que surgiram depois, muitos anos antes da primeira informação (Peta-Yai-miri) obtida através de Jurupari.

A Cachoeira Ipanoré, no Rio Waupés, afluente do Rio Negro, é o núcleo de origem e nascer dos mitos tucanos.

A cachoeira de Nhápã-poea, chamada de São Gabriel pelos brancos, antigamente não existia. A sua origem data de tempos imemoriais.

As pessoas que ali residiam surgiram da terra. Eram a gente Nhápã, daquela região das cachoeiras. Eram muito numerosos e suas mulheres, todas muito lindas e robustas, equiparavam-se aos homens em destreza. Passeavam por muitos lugares e subiam pelo rio até as últimas cachoeiras, chamadas Suri-poea. Esse povo assemelhava-se aos deuses, pela sua força mágica. Pensavam nas coisas e elas surgiam. Falavam e tudo obedecia à sua voz. Pescavam e caçavam.

Houve então uma época de muita carência de peixes. Todos saíam para pescar, mas voltavam de mãos vazias. Neste tempo, quando ninguém conseguia peixes, nas pescarias, havia um membro do grupo, que sempre conseguia capturar peixe.

Este pescador, tinha um menino cheio de feridas gerando pús, mantido numa gaiola. Ele conduzia a criança engaiolada até à beira do rio e a pendurava nos galhos de uma árvore, que pendiam para dentro do rio, de maneira que o pús pingava na água.

Os peixes eram atraídos pelo pús e vinham para o lugar onde gotejava, onde o pescador flechava com rapidez os que queria, matando de cinco a dez peixes por dia, de acordo com as suas necessidades. Após à captura dos pei-

xes, o pescador levava o menino para casa, mantendo-o sempre preso. Tudo isto era feito com muita rapidez, para evitar que a cobra grande pressentisse o cheiro do pús e viesse para o local, comer o menino.

Quando os seus vizinhos pressentiam que eles haviam capturado peixes, corriam para o rio, mas nada conseguiam.

Um dia, o pai ausentou-se da casa e os vizinhos pediram que o menino revelasse o segredo daquela pesca. Falaram que tentavam pescar, mas nada conseguiam. Pediram que os avisasse quando seu pai fosse pescar, mas o menino nada revelou, pois o pai pedira segredo. Mas os vizinhos tanto insistiram, alegando fome e que necessitavam comer, que o menino acabou por contar todas as manobras que faziam.

É verdade o que você contou? perguntaram os vizinhos. É verdade sim, respondeu o menino. Então nós vamos levá-lo até a beira do rio e pendurá-lo na árvore que pende sobre o rio e fazer como seu pai. Vamos lá, disseram.

O menino falou a todos que seu pai fazia tudo com muita rapidez e flechava poucos peixes.

Nós queremos poucos peixes. Vamos logo, antes que teu pai volte, disseram. E carregaram o menino para a beira do rio.

Se vocês demorarem aqui, a cobra do olho grande vem me comer. Coloquem-me no galho da árvore e retirem-me logo, disse-lhes o menino.

Ah, sim. Vamos agir com rapidez, disseram eles.

E ficaram olhando se os peixes vinham, prontos para flechar muitos.

Quando penduraram o menino no galho, muitos peixes surgiram, como surubim, aracu, pacu e muitos outros. Os homens mataram muitos peixes.

Quando o menino viu que estavam matando muitos, pediu que parassem. Eles não atenderam ao pedido e continuaram a flechar.

E de repente apareceu a cobra dos olhos grandes, aproximando-se e nesta hora a onda subiu e levou o menino para o fundo.

A água fez um barulho tão grande que parecia trovoadas quando arrebenta: "tãx-puã"!!! e o menino desapareceu.

Quando o pai voltou, perguntou aos vizinhos — O que vocês fizeram com meu filho?

Alguns vizinhos não souberam explicar, mas os outros disseram — "A cobra grande comeu teu filho".

Rapidamente desceu à beira do rio, mas não conseguiu ver nem o menino, nem a cobra. Desceu rio abaixo procurando-os, mas de nada adiantou.

O menino engolido ficou dentro da cobra, cutucando o seu ventre com uma força invencível que possuía, permanecendo vivo. A cobra engolia lodo e folhas venenosas, para matá-lo, mas ele não morria.

Na beira do Uaupés havia uma panela de boca para cima. Quando a cobra descia o rio, virou a panela de boca para baixo, surgindo a serra da panela, um pouco abaixo de Taracuá.

Para capturar a cobra, o pai do menino foi fazendo barragens de terra ao longo do rio, mas a cobra escapava sempre. Estas barragens transformaram-se nas cachoeiras existentes no Uaupés, acima da sua boca no rio Negro, onde o pai do menino chegou, perseguindo-a.

Já no rio Negro, preparou um grande mata-pi, para pegar a cobra que descia do Uaupés, e usando de todos os seus poderes mágicos, transformou-o em outra cobra grande, para engolir a que descia.

Em cada margem do rio Negro, colocou um pássaro, para que dessem o sinal de advertência da chegada da cobra. De um lado, o chamado "pusikha", e do outro o "kayaro".

E o menino continuava vivo na barriga da cobra, graças aos poderes sobrenaturais que possuía. Estes poderes eram sustentados pelas ligações com as gentes-pedra, gente-vegetal e gente-água, pois o garoto e o pai eram gente pedra. Com essa ajuda ele continuava a respirar, embora estivesse dentro da cobra, que não conseguia mastigar e comer. Todos os animais e poderes manifestavam-se nele e poderes não lhe faltavam. Até aqueles dois passarinhos transformaram-se em auxiliares para salvá-lo.

A montanha que está na cidade de São Gabriel chama-se Pusikhanê, nome do passarinho encarregado do sinal de advertência. Em cima dessa montanha, o pai do menino ficou na espera da cobra, todo armado, para matá-la.

A cobra vinha descendo devagar, sem fazer barulho e pressentiu, de longe, o mata-pi preparado. Os pássaros, vendo que a cobra não entrava na armadilha, gritaram. O pusikha disse:

abi-tiã, tiã... Esta voz é língua de pássaro. O outro, o kayaro disse a mesma coisa na língua dele: kayaro, kayaro, kayaro... Um dizia: já vem, já vem... O outro: agora, agora... Ambos disseram: cuidado, cuidado...

Rapidamente o homem levantou-se e olhou na direção da cobra, com toda a força, fazendo a água agitar-se para todos os lados. Ela estava desviando-se da armadilha. Aí, o pai do menino, que era gente-pedra, com toda a força de seus poderes, arpoou-a com a lança ritual, usando dos poderes das gentes-acangatará, e matou a cobra.